



GT – 12: Metodologia de pesquisa em estudos urbanos

A FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL SOB UMA PERSPECTIVA TRIÁDICA

Análise a partir da homogeneização, diferenciação e hierarquização do espaço urbano de Poços de Caldas (MG)

Eduardo de Araujo da Silva

Doutorando em Geografia na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus Presidente Prudente; Professor EBTT no Instituto Federal Catarinense (IFC), Campus Ibirama

eduardo.a.silva@unesp.br

RESUMO: Este texto busca analisar a fragmentação socioespacial em Poços de Caldas (MG) por meio de uma perspectiva triádica, lançando luz sobre a relação entre homogeneização, diferenciação e hierarquização do espaço urbano. Utiliza frentes metodológicas como pesquisas de campo com registros fotográficos e descritivos, entrevistas com cidadãos e agentes bem-informados, e representação cartográfica. Observou-se que a homogeneização se revela por meio dos novos produtos imobiliários e pela configuração espacial semelhante a de outras cidades brasileiras. A diferenciação socioespacial e a hierarquização do espaço urbano se expressam nas diferenças entre setores urbanos e seus conteúdos. Destaca-se como a produção do espaço, sob a lógica capitalista e no contexto da “planetarização do urbano” (Henri Lefebvre), reforça desigualdades socioespaciais e a segregação socioespacial, em cidades médias latino-americanas.

Palavras-chave: Dialética Tridimensional. Segregação Socioespacial. Cidade Média.

1. INTRODUÇÃO

Investigar as diversas manifestações da vida urbana e sua materialização no espaço-tempo contemporâneo é uma tarefa complexa, impossível de realizar sem o apoio de um amplo arcabouço de teorias e metodologias elaboradas por diversos intelectuais dedicados ao estudo das cidades e da urbanização. Este texto parte de uma pesquisa de doutorado em andamento, que se desenvolve consoante a ideia de fragmentação socioespacial a partir de diferentes perspectivas críticas do espaço e se assenta numa análise triádica, considerando a homogeneização, a diferenciação e a hierarquização do espaço urbano¹.

De acordo com Sposito e Catalão (2024), a realização de uma pesquisa sobre a fragmentação socioespacial compreende uma série de desafios analíticos, como a necessidade de definir de maneira clara o objeto de estudo e as questões que orientarão a investigação, escolher uma base teórica adequada e a metodologia a ser utilizada, contextualizar o processo analisado e definir a organização do trabalho. Tais desafios estão colocados desde a elaboração do projeto até as atividades realizadas ao longo da pesquisa, demonstrando a complexidade das investigações sobre essa temática.

Tomando esses pressupostos como básicos, este artigo é constituído, além da introdução e das considerações finais, por um tópico dedicado às bases teóricas que fundamentam nosso estudo e outro destinado à análise empírica da fragmentação socioespacial em Poços de Caldas (MG). Em termos demográficos, Poços de Caldas é a maior cidade média da mesorregião Sul e Sudoeste de Minas, com 163,7 mil habitantes, sendo considerada uma capital regional. A cidade concentra um número considerável de comércios e serviços especializados, atraindo fluxos de pessoas das cidades vizinhas. Ademais, a cidade se destaca nos rankings regionais por sua área urbanizada (40,60 km²) e pelo maior PIB em sua região geográfica imediata (IBGE, 2024).

Conforme exposto por Silva (2021), há uma evidente segregação socioespacial em Poços de Caldas, que se manifesta e se materializa tanto nos conjuntos habitacionais construídos

¹ De antemão, é importante ressaltar que reconhecemos a possibilidade e necessidade de avanços neste estudo, compreendendo que nosso esforço analítico sobre a fragmentação socioespacial do (e no) espaço urbano pode apresentar algumas limitações decorrentes das abordagens, dimensões e escalas privilegiadas por nós.

nas periferias quanto nos espaços residenciais fechados (ERF) dispersos em setores urbanos com considerável valorização imobiliária. O par segregação-autossegregação, juntamente com outros processos e formas urbanas contemporâneas, possibilita abordar a fragmentação socioespacial, sendo este um dos seus elementos constituintes (Sposito; Góes, 2013). Além desse elemento, existem outros processos e formas que diferenciam, homogeneizam e hierarquizam o espaço urbano e seus conteúdos.

Alinhados à *Metodologia de Pesquisa em Estudos Urbanos* (Góes; Melazzo, 2022), buscamos evidenciar a fragmentação socioespacial por meio de pesquisas de campo, com registros fotográficos e descritivos, entrevistas com cidadãos (Góes *et al.*, 2022) e agentes bem-informados (Silva *et al.*, 2022), além da representação cartográfica (Chatel *et al.*, 2022). Destacamos também que a fragmentação socioespacial tratada aqui é o conceito ao qual Sposito e Sposito (2020), Legroux (2021), assim como outros estudiosos vinculados ao projeto *Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos e formas - FragUrb* (Sposito, 2018) buscaram delinear.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para iniciar nossa fundamentação teórica, partimos da ideia triádica de homogeneização-fragmentação-hierarquização de Henri Lefebvre (2017 [1989]). Lefebvre foi um filósofo marxista francês que influenciou consistentemente os estudos das Ciências Humanas e Sociais, dentre elas, a Geografia urbana de viés crítico.

Em suas obras, ele destacou a importância das relações sociais na produção do espaço, argumentando que o espaço, além de físico e mental (o espaço da Filosofia e o geométrico da Matemática), também é social e histórico. As “trialéticas”, “tríades” ou “dialéticas tridimensionais” (Schimid, 2012) que se encontram ao longo das suas obras (como o mental/físico/social, a forma/função/estrutura, o espaço vivido/percebido/concebido, espaços de representação/representação do espaço/práticas espaciais, dentre outras) contribuíram para uma compreensão mais complexa e aprofundada do espaço social (Lefebvre, 2013 [1974]).

Para Lefebvre (2017 [1989], p. 238, tradução nossa), “[...] as relações sociais de produção têm uma existência social contanto que tenham uma existência espacial; elas se

projetam em um espaço, elas se inscrevem nele, produzindo-o”. *Quando a cidade se dissolve nas metamorfoses planetárias* (Lefebvre, 2017 [1989]), o filósofo observa que, como parte do movimento de “planetarização do urbano” (p. 238), no acelerado processo de urbanização que se espacializa em todo o mundo, o espaço social passa por processos intensivos de homogeneização, fragmentação e hierarquização.

Essa extensão mundial, não virá sem um grande risco de homogeneização do espaço e de desaparecimento das diversidades. Ora, a homogeneização se faz acompanhar de uma fragmentação. O espaço se divide em parcelas que se compram e se vendem, cujo preço depende de uma hierarquia (Lefebvre, 2017 [1989], p. 238, tradução nossa).

Segundo o autor, ao se homogeneizar, o espaço se fragmenta em diferentes áreas, como as de trabalho, lazer, produção material e serviços diversos. Esses processos concomitantes são acompanhados pela constatação de que as classes sociais se hierarquizam e se apropriam de diferentes parcelas do espaço urbano, evidenciando uma complexa dinâmica de estratificação social (Lefebvre, 2017 [1989]).

Os processos de homogeneização-fragmentação-hierarquização, na história da urbanização e das cidades, ao se materializarem, dão origem a uma nova forma de espaço urbano, que, além de fragmentado, é notadamente homogêneo devido à intercambialidade imposta às suas terras no mercado fundiário, transformando-as em mercadoria (Carlos, 2007).

Assim, no pensamento lefebvriano, a fragmentação se manifestaria no fracionamento da cidade-mercadoria, cujos conteúdos objetivos e subjetivos se tornam concomitantemente fragmentados. Logo, as diversas formas que compõem sua estrutura espacial urbana seriam marcadamente hierarquizadas com base em seus conteúdos e valores de uso, especialmente em seus valores de troca (Carlos, 2007).

Na produção dessa cidade – ou desse espaço urbano em fragmentos – no período contemporâneo, vale destacar o papel do neoliberalismo, este que, entendido como um sistema normativo que favorece a razão econômica em todas as relações sociais e todas as esferas da vida (Dardot; Laval, 2016), favorece a lógica capitalista sobre todo o mundo, acarretando novas tendências da urbanização contemporânea. Governos urbanos orientados por políticas neoliberais conduzem essa urbanização, que se torna cada vez mais homogênea globalmente, guiada pelos mesmos interesses políticos e econômicos.

Além disso, através da subjetivação neoliberal, marcada pela ênfase na competição e individualidade, os fundamentos da solidariedade, compartilhamento e coletividade são paulatinamente erodidos. Nesse contexto, observa-se uma complexa relação entre homogeneização e diferenciação (Dardot; Laval, 2016).

De acordo com Sposito (2004), as novas formas de produção do espaço, orientadas pelos interesses dos agentes hegemônicos, podem (re)produzir o par diferença-homogeneidade, tanto no plano social quanto espacial, uma vez que no espaço urbano

A tendência à sua expansão horizontal e vertical tem provocado o aprofundamento das diferenças, porque a cidade é vendida aos pedaços, enquanto frações de um território denso de possibilidades objetivas e de conteúdos subjetivos, expressos em múltiplos signos. Ao mesmo tempo em que essa produção do espaço busca oferecer a novidade (e não necessariamente o novo), ela produz a homogeneidade, porque as estratégias imobiliárias se repetem, em diferentes cidades, e se sucedem para que as novidades envelheçam e os novos produtos ganhem preços maiores no mercado (Sposito, 2004, p. 136).

Sem embargo, compreende-se que a homogeneização do espaço urbano ocorre tanto pela intercambialidade imposta à cidade e suas frações quanto pelas novas formas de produção imobiliária. A reprodução de espaços residenciais fechados e conjuntos habitacionais com padrões construtivos idênticos em várias cidades, muitas vezes desconsiderando as particularidades locais, contribui para essa homogeneização.

A disseminação de estabelecimentos do setor terciário, como franquias de multinacionais, também promove a uniformização da paisagem urbana por meio de seus símbolos e modos de consumo. Como resultado, observamos paisagens urbanas cada vez mais padronizadas, embora seus conteúdos e funções possam permanecer distintos.

Ademais, o avanço do meio técnico-científico-informacional (Santos, 1994) sobre o mundo acarreta mudanças na vida cotidiana dos indivíduos, seja na dimensão do trabalho, do lazer ou nas formas de consumir, entre outros aspectos. Isso porque “[...] na grande cidade moderna, as relações sociais tendem a tornar-se internacionais. E isto não só como resultado dos fenômenos migratórios, mas também, e sobretudo, graças à multiplicidade das tecnologias de comunicação” (Lefebvre, 2017 [1989], p. 238, tradução nossa). Indaga-se se esse fenômeno poderia ser analisado a partir das entrevistas com cidadãos, nas quais esses poderiam revelar se

utilizam as tecnologias de informação e comunicação para realizar compras, consumir produtos ou interagir com outros indivíduos através das redes sociais digitais.

De acordo com Lefebvre (2017 [1989]), apesar das expectativas de uma vida urbana renovada pela modernidade, a metamorfose da cidade muitas vezes resulta no aumento da degradação das relações sociais. Ele argumenta que, à medida que a cidade se expande, as relações sociais não necessariamente se transformam, revelando que a vida urbana não conduz inevitavelmente a novas formas de interação social. Pelo contrário, há um aumento no afastamento social, que restringe os contatos entre membros de diferentes classes.

Nesse contexto, observa-se um aumento considerável na hierarquização das parcelas do espaço urbano, expresso pelo aprofundamento das diferenças entre as classes sociais e suas respectivas áreas. Essa hierarquização dos espaços internos da cidade e seus conteúdos torna-se evidente ao analisarmos as diferentes frações urbanas através de seus preços no mercado imobiliário, suas finalidades específicas e as distintas intervenções do poder público sobre elas.

Assim, compreendemos que, na atual fase crítica da planetarização do urbano (Lefebvre, 2017), durante a reestruturação contemporânea em curso (Soja, 1993), que se desdobra em meio a uma intensiva globalização econômica, a produção da vida e do espaço urbano ocorre de modo fragmentado, concomitantemente e dialeticamente aos processos de homogeneização e hierarquização.

Estudos recentes continuam a sustentar essa visão, destacando como esses processos se manifestam no contexto da urbanização contemporânea. É uma dinâmica “triádica” na qual cada elemento se retroalimenta: a homogeneização da paisagem urbana e dos estilos de vida, impulsionada pela disseminação de padrões arquitetônicos e de consumo hegemônicos, contribui para a perda de identidades locais. Simultaneamente, a fragmentação, resultante do arrefecimento da sociabilidade e do fracionamento do espaço urbano, expressa-se na intensificação da diferenciação e da segregação, agravada pela hierarquização entre as classes e suas áreas sociais.

Tendo em vista que esses processos ocorrem de modo dialético no espaço urbano, faz-se necessário um adendo nesta parte. Em nosso estudo, optamos por tratar a fragmentação

socioespacial como uma unidade, entendendo-a como um amplo processo que se manifesta e se materializa simultaneamente nos planos social e espacial, sendo mais complexo do que a fragmentação da malha urbana decorrente do fracionamento e venda de terrenos²; contudo, não desconsideramos esta última na análise. Entendemos que sua manifestação/materialização, por sua vez, diferencia, homogeneiza e hierarquiza o espaço urbano e seus conteúdos. Ao analisar o variado conjunto de estudos sobre a fragmentação socioespacial, essa dinâmica torna-se notável.

Estudiosos do espaço urbano já apontavam para a lógica socioespacial fragmentária nas metrópoles latino-americanas desde o último quartel do século XX. Em *Metrópole Corporativa Fragmentada*, Milton Santos (1990), analisando o caso de São Paulo (SP), desvendou diversas dinâmicas e elementos importantes da fragmentação do/no espaço urbano, ao observar o habitat urbano da metrópole. O autor evidenciou o surgimento de novas formas de segregação urbana, havendo uma tendência à “fortificação” dos bairros das classes médias e ao aumento da segregação das classes populares.

Segundo Santos (1990), a partir dos processos gerados pelas ações do Estado em conjunto com os capitalistas (espraiamento da cidade e aumento da especulação imobiliária), os sujeitos mais pobres tornaram-se cada vez mais imobilizados em periferias distantes e dependentes de transporte coletivo. “A imobilidade de tão grande número de pessoas leva a cidade a se tornar um conjunto de guetos e transforma sua fragmentação em desintegração” (p. 89-90).

O acirramento das desigualdades, da diferenciação e do afastamento socioespaciais, expressos no aumento da autoss segregação e segregação socioespaciais, é produto (e produtor) dos variados espaços residenciais fechados para as classes de média e alta renda, equipados com muros, dispositivos de segurança, e espaços de consumo e lazer (Sposito; Góes, 2013). Esse fenômeno também é produto (e condiciona a produção) de grandes periferias das classes

² Conforme salientado, abordamos a fragmentação socioespacial de acordo com os avanços teórico-metodológicos vinculados ao projeto *Fragmentação Socioespacial e Urbanização Brasileira: Escalas, Vetores, Ritmos e Formas* (FragUrb) (Sposito, 2018). Desse modo, compreende-se, a partir das pesquisas desenvolvidas neste projeto, que a fragmentação socioespacial engloba um conjunto de dinâmicas e elementos, tornando esse processo mais abrangente e complexo do que a simples constatação da fragmentação física ou territorial da cidade. Nesse contexto, observa-se a intensificação da diferenciação, homogeneização e hierarquização socioespaciais, assim como a materialização das diferenças, da homogeneidade e da hierarquização das formas urbanas e seus conteúdos.

populares em áreas distantes dos circuitos de valorização imobiliária, muitas vezes em áreas sem acesso a meios de consumo coletivo (Santos, 1990; Prévôt-Schapira, 2001; Sposito; Góes, 2013; Duhau; Giglia, 2016).

Nesse contexto, a imobilidade decorrente da precarização dos sistemas de transporte coletivo, somada ao aumento da pobreza urbana, está diretamente relacionada com a lógica socioespacial fragmentária. As soluções para enfrentar os deslocamentos urbanos (os longos tempos e as longas distâncias) têm se tornado cada vez mais individuais (Legroux, 2021). Em outras palavras, indivíduos com certas condições socioeconômicas podem resolver suas demandas adquirindo veículos automotores, como carros ou motocicletas. Por outro lado, grupos sociais de baixa (ou quase nenhuma) renda enfrentam limitações significativas de mobilidade devido à insuficiência, inexistência e/ou altos preços dos serviços de transporte coletivo. Para esses grupos, as opções incluem andar a pé, de bicicleta ou pegar caronas.

Legroux (2021, p. 7, grifo do autor), apoiado na noção da tríade do espaço vivido-concebido-percebido, argumenta que “[...] o espaço concebido da mobilidade cotidiana é o espaço das classes médias [e altas], da economia automobilística, dos três níveis de governo (federal, estadual, municipal), que frequentemente, nas escalas locais, mantêm laços fortes com o setor de transporte por ônibus”.

Desse modo, entende-se que o espaço da mobilidade cotidiana é planejado e produzido, grosso modo, conforme os interesses de tais classes, restando aos demais cidadãos (classes populares, grupos sociais excluídos, grupos étnico-raciais etc.) a adaptação (nem sempre de forma passiva) às condições dispostas, criando percursos que possibilitem a realização das práticas espaciais no cotidiano urbano.

Essas diferenças na mobilidade e no acesso aos serviços urbanos refletem e reforçam a fragmentação socioespacial. A capacidade de alguns sujeitos de acessar centros de consumo e de se deslocar no espaço urbano destaca as desigualdades entre diferentes grupos sociais. Isso cria um ambiente urbano onde o afastamento e a diferenciação das classes sociais são evidentes, reforçando uma hierarquia social e espacial que impacta diretamente nos modos de vida dos cidadãos.

Além disso, a diferenciação socioespacial torna-se aparente na paisagem urbana quando se compara a qualidade dos espaços residenciais das classes sociais mais favorecidas com os conjuntos habitacionais das camadas populares da sociedade. Considerando isso, é pertinente analisar a fragmentação socioespacial por meio dessa diferenciação, seja na dificuldade ou facilidade dos sujeitos de diferentes segmentos sociais de se locomoverem no espaço urbano, seja pela observação da qualidade construtiva das residências e bairros.

De acordo com Magrini (2013, p. 390), a abordagem da fragmentação socioespacial demanda, ao menos, três planos analíticos que se complementam: “a) as rupturas nos tecidos urbanos, b) a fragmentação a partir da segmentação das práticas urbanas e c) as cisões produzidas no âmbito dos imaginários urbanos”. Consideramos, neste estudo, que as rupturas nos tecidos urbanos e a segmentação das práticas urbanas são produtos e produtoras da segregação, sendo que as classes sociais, ao se diferenciarem nos planos social e espacial, dialeticamente, elevam suas homogeneidades internas. Já as cisões no âmbito dos imaginários urbanos são, com efeito, causas e consequências de um aumento da hierarquização socioespacial.

Portanto, para apreendermos a diferenciação, utilizamos como ferramentas metodológicas as entrevistas com cidadãos (Góes *et al.*, 2022), coletando relatos sobre suas condições de deslocamento na cidade, os modais que utilizam e se estes atendem suas necessidades. Também realizamos pesquisas *in loco*, com registros fotográficos e descritivos, para identificar as diferenças entre as distintas áreas sociais na paisagem urbana. Destaca-se também o uso das representações cartográficas para ilustrar as rupturas do tecido urbano.

Como será exposto no próximo tópico, cidadãos que moram em espaços residenciais fechados (ERF) tendem a desfrutar de maior mobilidade em comparação com os cidadãos residentes em habitações de interesse social nas periferias de Poços de Caldas. Observa-se diferenças na mobilidade, assim como no consumo dos espaços da cidade por esses cidadãos.

Há uma evidente hierarquia entre as diferentes frações da estrutura espacial urbana, seja pelas diversos conteúdos e finalidades que cada parte apresenta, como por exemplo a centralidade exercida pelo centro principal sobre as demais áreas da cidade, seja pelas zonas

que desempenham funções semelhantes, como as áreas residenciais. Em um contexto de aumento das desigualdades, diferenciação e segregação, a hierarquização se fortalece.

É sabido que os espaços residenciais das diferentes classes não recebem os investimentos públicos, ou apresentam a mesma visibilidade nos veículos midiáticos. Conforme Villaça (2001), a segregação pode viabilizar e potencializar o poder das classes sociais abastadas sobre o espaço urbano. Isso ocorre porque, se essas classes não estivessem concentradas numa mesma zona da cidade, poderia ser inviável exercer pressão política.

Destaca-se também que, no contexto da fragmentação socioespacial, há uma tendência à dispersão dos atores e à autonomização dos dispositivos de gestão e regulação urbana (Prévôt-Schapira, 2001). Mesmo havendo heterogeneidade na classe dominante (rentistas, industriais, ruralistas, grandes comerciantes etc.), seus interesses sobre o uso residencial da cidade são os mesmos: melhorar a acessibilidade de seus bairros e mantê-los com alta qualidade de vida, segurança e limpeza (Villaça, 2001).

Por outro lado, a pressão política das classes populares é menor devido à pouca (geralmente, quase nenhuma) visibilidade, uma vez que elas não têm o mesmo acesso e domínio dos meios de comunicação. Observa-se que quando há movimentos de reivindicação para melhorias em suas áreas, às vezes esses são criminalizados, mal vistos ou até ignorados pela grande imprensa (Villaça, 2012).

Portanto, as áreas de interesse para as classes médias e altas, além de possuírem gestões e regulamentos mais autônomos, ainda podem receber maior atenção e investimentos devido à pressão política, sendo priorizadas. Por outro lado, as necessidades das classes populares são, em grande parte, negligenciadas. A falta de voz e representação das classes populares perpetua um ciclo de exclusão e marginalização. Nesse contexto, “[...] as classes sociais se hierarquizam e se inscrevem no espaço, e este movimento está a acelerar em vez de reduzir” (Lefebvre, 2017 [1989], p. 238, tradução nossa).

Em suma, observam-se relações entre o processo de fragmentação socioespacial e a materialização e representação das homogeneidades, diferenças e hierarquias no espaço urbano contemporâneo.

O próximo tópico apresenta uma análise empírica desse processo a partir dessa perspectiva triádica. Para tanto, apoiamos-nos em diversas frentes metodológicas: entrevistas com cidadãos (Góes *et al.*, 2022), entrevistas com agentes bem-informados (Silva *et al.*, 2022), representação cartográfica da fragmentação socioespacial (Chatel *et al.*, 2022) – metodologias compiladas na obra organizada por Góes e Melazzo (2022) –, bem como pesquisas *in loco* com registros fotográficos e descritivos.

3. ANÁLISE DA FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM POÇOS DE CALDAS: HOMOGENEIZAÇÃO, DIFERENCIAÇÃO E HIERARQUIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Homogeneização e homogeneidade. Primeiramente, observa-se que os espaços urbanos, produzidos sob a égide do capital, são tratados como recursos para atender prioritariamente aos interesses capitalistas, sendo transformados em mercadorias e em instrumentos para a acumulação.

Nesse contexto, a produção de empreendimentos com os mesmos padrões construtivos e finalidades similares em diferentes cidades, sem levar em conta as particularidades locais, é evidente. Isso pode ser observado: i) nos espaços residenciais fechados (ERF), exclusivos para as classes médias e altas, murados e equipados com sistemas de segurança, dispersos nas áreas de expansão urbana recente, em eixos de valorização imobiliária; ii) nos conjuntos habitacionais construídos por programas de Habitação de Interesse Social (HIS) em áreas periféricas menos valorizadas e com certa carência de serviços urbanos; e iii) nos estabelecimentos comerciais e de serviços que pertencem a redes de lojas ou de franquias nacionais e multinacionais espalhadas pelas áreas urbanas, os quais produzem ou reforçam novas centralidades.

Espaços residenciais fechados (ERF) de médio e alto padrão são caracterizados por serem murados, cercados e equipados com sistemas de vigilância, conforme mostrado na Figura 1. Esses empreendimentos imobiliários, exclusivos para as classes de médio e alto rendimento, visam criar uma sensação de segurança. Além dos equipamentos físicos que promovem a segmentação socioespacial por meio de barreiras físicas, o que se observa de homogêneo nesses empreendimentos é sua localização geográfica: no caso apresentado, todos estão situados na Zona Oeste da cidade, um setor urbano de crescente desenvolvimento e valorização imobiliária.

Esse tipo de empreendimento é observado em diferentes cidades, refletindo uma tendência comum na urbanização contemporânea.

Figura 1 – Espaços residenciais fechados de médio e alto padrão, murados e cercados, equipados com sistemas de vigilância. Residencial Centreville (1), Condomínio Bosque das Araucárias (2), Residencial Campo da Cachoeira (3) e Residencial Fechado Serras Altas Golf Estate (4). Zona Oeste de Poços de Caldas.

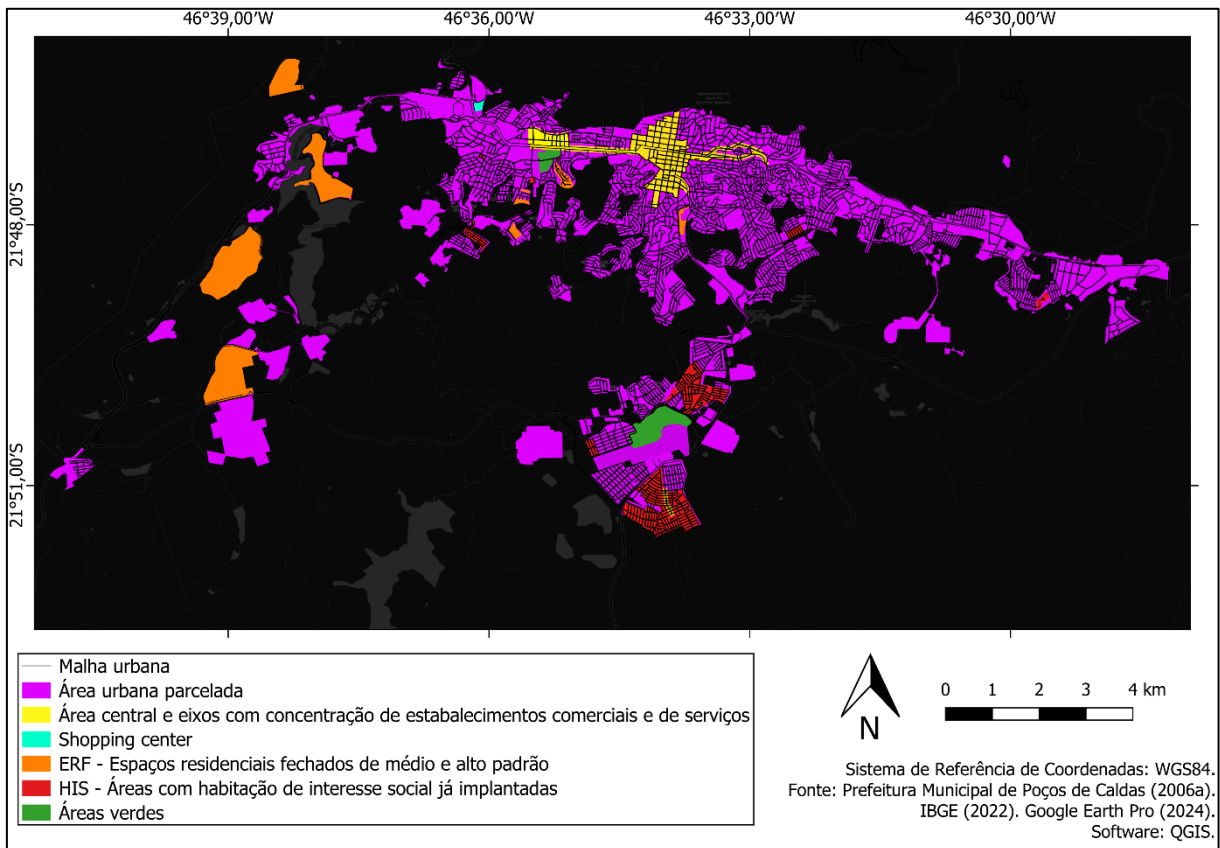


Fonte: arquivo pessoal do autor.

Outro aspecto importante que revela a homogeneidade do espaço urbano de Poços de Caldas é sua configuração espacial. Para evidenciá-la, apoiamos-nos na representação cartográfica da fragmentação socioespacial (Chatel *et al.*, 2022). Esse recurso permite mostrar, no plano do território, como se materializa a distribuição dos empreendimentos imobiliários e dos centros de consumo coletivo, além da divisão social do espaço.

A configuração espacial de Poços de Caldas revela um padrão urbano notavelmente homogêneo, similar ao observado em diversas cidades brasileiras, conforme apontado em estudos do projeto FragUrb (Sposito, 2018). A lógica capitalista, no contexto da planetarização do urbano (Lefebvre, 2017 [1989]), molda as cidades de uma maneira um tanto uniforme. Os centros e setores urbanos voltados para as classes mais abastadas contrastam fortemente com as zonas periféricas destinadas às camadas populares. Essa homogeneização expressa a dinâmica de produção do espaço urbano orientada pelo capital, que resulta em uma urbanização que privilegia os interesses econômicos de poucos, em detrimento das necessidades da maioria, reforçando a diferenciação e hierarquização socioespacial.

Figura 2 – Configuração do espaço urbano de Poços de Caldas (MG): áreas com concentração de estabelecimentos comerciais e de serviços, espaços residenciais fechados e habitações de interesse social



Elaboração e organização: o próprio autor.

Ademais, indaga-se se a presença de diversos estabelecimentos comerciais e de serviços que pertencem a redes de lojas ou de franquias nacionais e multinacionais espalhadas pelas áreas urbanas, além de ilustrar uma estandardização da paisagem urbana, pode corroborar uma análise de como os modos de consumo locais possam estar cada vez mais uniformizados. Com efeito, esses estabelecimentos influenciam a dinâmica econômica e social da cidade. A proliferação dessas redes comerciais, comum em muitas cidades espalhadas pelo mundo, reforça um padrão de consumo homogêneo que atende principalmente aos interesses de grandes corporações, em detrimento das tradições e especificidades locais.

No caso de Poços de Caldas, observam-se franquias internacionais, como McDonald's e Subway, e nacionais, como Garden Store, Magazine Luiza, Casas Bahia, Chilli Beans, Loja Vivo, Loja Claro, Loja Natura, dentre outras, que estão instaladas no centro principal e no Shopping Center Partage (rede de shoppings centers espalhada por todas as regiões do Brasil).

Diferenciação e diferenças. Observa-se na Figura 2 que, em Poços de Caldas, grande parte das habitações de interesse social foi implantada em zonas periféricas, especialmente na Zona Sul. Estudos anteriores (Oliveira, 2012; Silva e Andrade, 2019; Silva, 2021) evidenciaram que essa expansão urbana contribuiu, em diferentes graus, para o aumento da diferenciação socioespacial local. De acordo com Silva (2021), mais de 4,4 mil lotes e/ou moradias de programas de habitação de interesse social foram construídos na Zona Sul, representando 76,55% do total implantado no município.

Por outro lado, a Zona Oeste, setor de crescente valorização imobiliária, recebeu a construção de espaços residenciais fechados destinados aos segmentos sociais de médio e alto rendimentos. Essa diferenciação socioespacial é ainda mais evidente quando se considera que, enquanto a expansão das zonas Sul e Leste é predominantemente destinada às camadas populares, as áreas centrais, pericentrais e a Zona Oeste são destinadas às camadas mais abastadas da sociedade.

É sabido que a diferenciação e as desigualdades socioespaciais em Poços de Caldas são percebidas pelos moradores da cidade (Silva, 2022; Silva; Francisco, 2023). Conforme Silva (2022), a população local nota diferenças nas disposições das infraestruturas urbanas, nos meios de consumo coletivo, no sistema de transporte coletivo, entre outros. Em seu estudo, o autor afirma que 90% dos 50 respondentes perceberam algum tipo de desigualdade na cidade.

Silva e Francisco (2023), por meio de entrevistas semiestruturadas com cidadãos, também captaram as percepções da população periférica da Zona Sul acerca da diferenciação socioespacial em Poços de Caldas. Nas respostas obtidas na pesquisa, os autores observaram que a população indicou diversos fatores que impactam sua vida urbana na Zona Sul, destacando-se: a distância do setor urbano em relação ao restante da cidade; a ineficiência dos transportes coletivos no setor sul; a insegurança urbana; a ausência de infraestruturas urbanas e a falta de cuidados com os espaços públicos locais.

Uma das respondentes de Silva e Francisco (2023), Lara (nome fictício) (25 anos, tatuadora, com renda familiar média inferior a R\$ 4.000,00), revela que a ineficácia dos transportes coletivos da Zona Sul faz com que os moradores procurem outras maneiras de se deslocar. Ela mora com seus pais e mais dois irmãos, na casa que seu pai adquiriu por meio de um programa de habitação de interesse social (HIS), localizada a aproximadamente 10 km do

centro principal. Quando questionada sobre o que ela achava do sistema de transporte coletivo, ela relatou:

Eu acho que não é eficiente, porque muitas vezes eu uso a moto, mas já usei também o transporte público e, de manhã, os ônibus estão lotados; ele passa reto e as pessoas ficam para trás. Sem [contar] que, em alguns bairros aqui da Zona Sul, ele [o transporte coletivo] demora horas para passar. Então, eu não acho eficaz, não. Ele é bem ruim (Resposta de Lara, 2022 apud Silva; Francisco, 2023, p. 125).

Para este trabalho, realizamos entrevistas com cidadãos (Góes *et al.*, 2022).

Margarete (2023) (nome fictício) (41 anos, servidora pública, com renda média familiar acima de R\$ 25.000,00), é residente de um ERF no setor urbano oeste de Poços de Caldas, localizado a 16,5 km do centro principal e 15,7 km do maior shopping center da cidade (Partage Poços de Caldas). Ela mora com seu marido e filho, e seu terreno tem 2.600 metros quadrados.

Ela utiliza somente seu carro particular para se deslocar pela cidade. Devido à distância de sua residência das demais áreas do tecido urbano, ela depende do veículo particular. Ela vai ao trabalho, leva e busca seu filho na escola e realiza atividades físicas diariamente em outras áreas da cidade. Segundo ela: “Teve vezes de eu andar 80 km por dia, eu tinha que deixar ele [o filho] na escola, e ia no [trabalho] [...] tinha que buscar ele [o filho], voltava para o [trabalho], voltava para casa”. Ela disse que o percurso de carro para os locais que precisa ir demora geralmente menos de 10 minutos, não ultrapassando 15 minutos.

Observa-se, a partir das falas das cidadinas, que a diferenciação socioespacial em Poços de Caldas manifesta-se de maneira contundente. Lara, residente na periferia da Zona Sul, enfrenta uma realidade de transporte coletivo ineficaz e infraestrutura precária, enquanto Margarete, moradora de um ERF na Zona Oeste, desfruta de uma mobilidade facilitada pelo uso do carro particular. A experiência de Margarete revela como sua condição socioeconômica otimiza seu acesso e uso do espaço urbano. Tal desigualdade no acesso ao transporte evidencia a diferenciação na mobilidade urbana para as diversas classes sociais, com o acesso à cidade sendo marcadamente condicionado pela posição socioeconômica.

Hierarquização e hierarquia. No que diz respeito ao nosso estudo, para compreender a hierarquia da estrutura espacial urbana de Poços de Caldas, especialmente sob a ótica do espaço concebido, conduzimos entrevistas com agentes bem-informados (Silva *et al.*, 2022).

Esses sujeitos puderam fornecer relatos sobre a relevância de cada parte da cidade, segundo a perspectiva dos gestores da urbanização.

Segundo Secretário Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Urbano entrevistado, há um claro interesse do poder público local em promover a expansão urbana e aumentar o adensamento demográfico na Zona Oeste. Esse interesse público alinha-se com o dos agentes mais relevantes na produção do espaço urbano da cidade, especialmente os empreendedores do setor imobiliário local e regional.

De acordo com o agente bem-informado, a expansão urbana promovida pelos empreendedores está ocorrendo em diferentes áreas da cidade, incluindo o Centro principal e a Zona Sul, mas com uma ênfase preferencial na Zona Oeste, que, em suas palavras, é “a zona preferencial nossa de expansão”. Ademais, ele salienta que:

Quem aporta recurso financeiro para a expansão urbana, para essa ocupação urbana, são os empreendedores. Se as finanças estão na mão dos empreendedores, então não tem como a gente fugir disso. Obviamente, o poder público entra como um órgão facilitador, tentando trazer o mais regular possível, fazendo olhar os regulamentos. Mas sem o aporte de recurso do poder privado e do setor privado, você não consegue a expansão (Resposta do agente bem-informado, 2023).

No que tange aos valores venais dos lotes urbanos de Poços de Caldas, observa-se que a Zona Oeste apresenta alguns dos maiores valores (R\$400,01 - R\$1.000,00 por metro quadrado), ficando atrás apenas das áreas centrais (> R\$1.000,00 por metro quadrado), que são prioritariamente destinadas às atividades do setor terciário (Poços de Caldas, 2016; Silva, 2021). A Zona Oeste é considerada um eixo de valorização imobiliária devido ao intenso adensamento de construções e verticalização ao longo dos anos.

Cerca de oito dos nove espaços residenciais fechados (ERF) de médio e alto padrão de Poços de Caldas (identificados) estão localizados nesse setor, juntamente com o maior shopping center da cidade, o Partage Poços de Caldas. Além disso, a Zona Oeste abriga importantes equipamentos urbanos, como o Parque Municipal Antônio Molinari, o Zoo das Aves, a Represa Bortolan, um subcentro consolidado no bairro Vila Cruz, e outros espaços que melhoram a qualidade de vida dos moradores. Também há um trecho da ciclovia que interliga o Centro principal com parte da Zona Oeste, que, nos últimos anos, recebeu melhorias.

Esse conjunto de equipamentos urbanos e amenidades faz com que a Zona Oeste se destaque em termos de valorização imobiliária, tornando-se hierarquicamente mais relevante para investimentos de capital em detrimento de outros eixos de expansão da cidade. No contexto da hierarquização do espaço, essas áreas representam uma concentração de capital, comércio e serviços que eleva sua importância socioeconômica, atraindo ainda mais investimentos do setor privado e se tornando setor urbano onde se concentram as classes médias e altas.

Em suma, o Centro principal, suas áreas circunvizinhas e a Zona Oeste são, com efeito, as áreas de maior valorização em Poços de Caldas. Em contraste, as zonas Sul e Leste, predominantemente destinadas às classes populares, revelam a divisão social e econômica do espaço, fomentando a discussão acerca da fragmentação socioespacial.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empírica realizada em Poços de Caldas revela que a homogeneização do espaço urbano, a diferenciação socioespacial e a hierarquização das classes e suas respectivas áreas indicam o desenvolvimento do processo de fragmentação socioespacial. As frentes metodológicas empregadas, dispostas na obra *Metodologia de Pesquisa em Estudos Urbanos* (Góes; Melazzo, 2022), direcionadas para a análise da fragmentação socioespacial, possibilitaram análise da realidade, a partir da aproximação empírica efetuada, por meio de pesquisas de campo, registros fotográficos e descritivos, entrevistas com cidadãos e agentes bem-informados, e representação cartográfica.

A homogeneização do espaço urbano revela-se tanto na padronização dos empreendimentos imobiliários quanto no aparecimento de estabelecimentos comerciais e de serviços que pertencem a redes de lojas ou de franquias nacionais e multinacionais espalhadas pelas áreas urbanas, estas últimas podendo favorecer certa padronização dos modos de consumo locais. Por outro lado, a diferenciação socioespacial evidencia-se na paisagem urbana marcadamente desigual e nos desafios cotidianos enfrentados pelos moradores das zonas periféricas, como a Zona Sul, devido às condições limitadas de mobilidade urbana, em contraste com as condições mais favoráveis observadas na Zona Oeste.

A divisão social do espaço expressa, em menor ou maior grau, uma hierarquização da cidade, em que os setores urbanos ocupados pelas classes médias e altas têm maiores valores

no mercado imobiliário e concentram investimentos e maior quantidade serviços, em detrimento das periferias destinadas às classes populares, que por vezes carecem de comércio e serviços. Com efeito, a interação entre o poder público local e empreendedores imobiliários no contexto contemporâneo é fundamental para a compreensão dessa hierarquização.

Em suma, a homogeneidade, as diferenças e a hierarquia do espaço urbano de Poços de Caldas, evidenciadas pela metodologia empregada, revelam como a lógica capitalista, no contexto da planetarização do urbano (Lefebvre, 2017 [1989]), reforçam e perpetuam as desigualdades socioespaciais e a segregação. Embora reconheçamos que ainda há muito a ser analisado para identificar a lógica socioespacial fragmentária de Poços de Caldas, consideramos que tais dinâmicas e elementos observados nesta pesquisa corroboram para a compreensão da fragmentação socioespacial, sobretudo em cidades médias latino-americanas.

5. REFERÊNCIAS

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

CHATEL, C. *et al.* Representação Cartográfica da fragmentação socioespacial. p. 325-384. *In:* GÓES, E. M.; MELAZZO, E. S. (Orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Estudos Urbanos: Procedimentos, instrumentos e operacionalização**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2022. 452 p.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016. 402p.

DUHAU, E.; GIGLIA, Â. El orden metropolitano contemporâneo: entre la fragmentación y la interdependência. *In:* DUHAU, E.; GIGLIA, Â. **Metropoli, espacio público y consumo**. México: FCE, 2016. p. 27-63.

GÓES, E. M.; MELAZZO, E. S. (Orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Estudos Urbanos: Procedimentos, instrumentos e operacionalização**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2022. 452 p.

GÓES, E. M. *et al.* Entrevista com cidadãos: perspectivas para a análise das práticas espaciais sob a lógica fragmentária. p. 71-122. *In:* GÓES, E. M.; MELAZZO, E. S. (Orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Estudos Urbanos: Procedimentos, instrumentos e operacionalização**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2022. 452 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Poços de Caldas**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/pocos-de-caldas.html>. Acesso em: 19 jul. 2024.

LEFEBVRE, H. [1989] Quando la città si dissolve nella metamorfosi planetaria. In: **SCIENZA & POLITICA**, vol. XXIV, n. 56, pp. 223-239, 2017.

LEFEBVRE, H. **La producción del espacio**. Trad. GUTIÉRREZ, E. M. (do original: La production de l'espace. Paris: Éditions Anthropos, 1974). Madrid: Capitán Swing Libros, 2013. 451p.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. Trad. FRIAS, R. E. (do original: Le Droit à la Ville, Paris: An, 1968). São Paulo: Centauro, 2008. 5. Ed. 144p.

LEGROUX, J. A Lógica Urbana Fragmentária: Delimitar o Conceito de Fragmentação Socioespacial. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 22, n. 78, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/58081>. Acesso em: 19 jul. 2024.

LEGROUX, J. A triplicidade do espaço e das práticas cotidianas de mobilidade para o estudo da fragmentação socioespacial. **GEOgraphia**, v. 23, n. 51, p. 1-19, 2021.

MAGRINI, M. A. O. **Vidas em enclaves**: imaginário das cidades inseguras e fragmentação socioespacial em contextos não metropolitanos. 2013. 488 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

OLIVEIRA, E. M. **Dinâmica locacional das indústrias e a produção do espaço urbano em Poços de Caldas (MG)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2012., 177 f.

POÇOS DE CALDAS, Prefeitura Municipal de. **Revisão do Plano Diretor do Município de Poços de Caldas**: diagnóstico preliminar. Poços de Caldas: Exatus, 2006.

POÇOS DE CALDAS, Prefeitura Municipal de. **Revisão Do Plano Diretor**: “Uma visão do futuro”. 3ª audiência pública – Zona Sul. 3 mai. 2016. 37 slides.

PRÉVÔT-SCHAPIRA, M. F. Fragmentación espacial y social: conceptos y realidades. **Perfiles Latinoamericanos**, n.19, p. 33-56, 2001.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. 392p.

SANTOS, M. **Metrópole Corporativa Fragmentada**: O Caso de São Paulo. 1. ed. São Paulo: Nobel, 1990.

SCHMID, C. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional1. **GEOUSP Espaço e Tempo** (Online), São Paulo, Brasil, v. 16, n. 3, p. 89–109, 2012. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2012.742843. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/742844>. Acesso em: 12 jul. 2024.

SILVA, E. A. **(Re)produção do espaço urbano e segregação socioespacial em Poços de Caldas, Minas Gerais**. 2021. 211 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2021.

SILVA, E. A.; ANDRADE, A. C. A formação da zona sul de Poços de Caldas, Minas Gerais. **Caderno de Geografia**, v. 29, n. 2, p. 129-142, 2019.

SILVA, E. A.; FRANCISCO, P. G. P. Entre diferenciação e desigualdades socioespaciais: a percepção dos moradores da Zona Sul de Poços de Caldas (MG). **Revista Cerrados**, [s.l.], v. 21, n. 02, p. 112-133, 2023.

SILVA, E. A. Da (re)produção do espaço urbano às desigualdades socioespaciais: a percepção de “desigualdade na cidade” dos moradores de Poços de Caldas (MG). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 17., 2022, Curitiba. Anais [...]. Curitiba: UFPR, 2022.

SILVA, C. F. *et al.* Entrevista com agentes bem-informados: perspectivas para a análise da fragmentação socioespacial. p. 123-148. In: GÓES, E. M.; MELAZZO, E. S. (Orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Estudos Urbanos: Procedimentos, instrumentos e operacionalização**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2022. 452 p.

SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Tradução de V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. 323p.

SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B. Fragmentação Socioespacial. **Mercator**, Fortaleza, v.19, e19015, 2020.

SPOSITO, M. E. B. **O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo**. 2004. 508 f. Tese (Livre Docência) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

SPOSITO, M. E. B. **Fragmentação Socioespacial e Urbanização Brasileira: Escalas, Vetores, Ritmos e Formas (FragUrb)**. Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2018.

SPOSITO, M. E. B.; CATALÃO, I. Da metodologia de pesquisa à análise do processo de fragmentação socioespacial em cidades brasileiras. **Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social**, Argentina, n. 27, p. 35-54, abr./set. 2024. ISSN 1853-6190.

SPOSITO, M. E. B.; GÓES, E. M. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação social**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel; Fapesp; Lincoln Institute, 2001. 373p.

VILLAÇA, F. **Reflexões sobre as cidades brasileiras**. São Paulo: Studio Nobel, 2012. 296p.